

Direito à poesia: círculos de leitura com pessoas em situação de privação de liberdade em Foz do Iguaçu

PEREIRA, Carolina Guerra¹; FARIAS, Laís Dias²,
CHECCHIA, Cristiane³; RODRÍGUEZ TORRES, Mário René⁴

RESUMO

A presente proposta é inspirada em uma experiência de extensão universitária que vem sendo desenvolvida há três anos em duas unidades prisionais de Foz do Iguaçu, o CRESF (Centro de Reintegração Social Feminino) e a PEF 2 (Penitenciária Estadual 2), ambas no bairro de Três Fronteiras. A atividade fundamental do projeto é a realização de Rodas de Leitura e Oficinas de Escrita com mulheres e homens privados de liberdade no interior destes estabelecimentos. O objetivo mais geral deste texto é compartilhar introdutoriamente uma das referenciais teóricas no campo da mediação de leitura que têm orientado a prática do grupo e compartilhar alguns dos resultados do trabalho, tendo como foco o CRESF. Vale dizer ainda que esta experiência tem contribuído de forma importante para a formação e reflexão das estudantes e dos docentes no sentido de aprofundamento no debate e nas práticas da mediação cultural e na mediação de leitura. Espera-se que este texto possa ser um espaço de troca de ideias e/ou de motivação a outros projetos que promovam a circulação da palavra poética e do livro em diferentes contextos.

Palavras-chaves: Mediação de Leitura; Direitos humanos; Literatura e desencarceramento

1 INTRODUÇÃO

O projeto Direito à Poesia propõe criar um espaço de diálogo, troca e construção coletiva de sentidos dentro de duas unidades prisionais de Foz do Iguaçu, o CRESF (Centro de Reintegração Social Feminino) e a PEF 2 (Penitenciária Estadual 2), ambas no bairro de Três Fronteiras, em Foz do Iguaçu. A atividade fundamental do projeto é a realização de Rodas de Leitura e Oficinas de Escrita com mulheres e homens privados de liberdade no interior destes estabelecimentos.

Desde o início, acreditamos que a formação de círculos de leitura nos cárceres da cidade poderia fortalecer uma experiência significativa de aproximação à literatura como um direito humano fundamental, a partir da criação de um espaço horizontal de fala e de respeito entre as/os participantes, reunidos pela fruição do texto literário, no interior de um

¹ Carolina Guerra Pereira é estudante do curso Letras Artes e Mediação Cultural

² Laís Dias de Farias é estudante do curso Letras Artes e Mediação Cultural

³ Cristiane Checchia é docente da área de Letras e Linguística (Literatura)

⁴ Mário René Rodríguez Torres é docente da área de Letras e Linguística (Espanhol)

ambiente de privação de liberdade. Por outro lado, nosso objetivo era também favorecer a formação de mediadores de leitura no ambiente prisional entre os/as participantes, multiplicando o potencial positivo da ação. Não menos importante, do ponto de vista acadêmico, pretendíamos viabilizar, por meio da pesquisa-ação, a formação de estudantes/pesquisadores e futuros profissionais da mediação cultural (no âmbito da leitura), engajados e sensíveis à dimensão humana e social do saber produzido na Universidade.

2 METODOLOGIA

As rodas são pensadas a partir de uma inquietação ou possível temática levantada tanto pelo grupo de trabalho, quanto pelos participantes da roda. O texto literário é lido em voz alta, debatido e comentado por todos, não raras as vezes são feitos comentários pessoais e reflexivos sobre os mesmos, criando assim uma possível ponte de aproximação de realidades, sendo essa ponte mesma, um novo espaço, um novo lugar de criação coletiva de significados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em “Ouvir nas Entrelinhas”, Cecília Bajour utiliza-se da noção de “levantar a cabeça” durante a leitura, que, segundo Barthes, coloca o leitor em uma posição de autor irreverente do texto, o que permite que ele disperse e canalize ideias e associações do mesmo. A autora coloca essa ideia em diálogo com a noção de “ouvir nas entrelinhas” de George Steiner, que chama a atenção para os diversos mundos contidos dentro da linguagem, o que permite que ao falar também “prestemos ouvido” aos sons do outro. Com a leitura feita em voz alta, os participantes da roda além de ouvir o texto, “prestam o ouvido” aos sons do outro e à carga de sentidos desencadeadas pela leitura. Seja através da emoção aplicada na leitura em voz alta, ou através de comentários posteriores a ela, o ambiente da roda permite acesso ao mundo dos participantes, além de construir coletivamente um outro mundo, que por sua vez, é compartilhado por todos os presentes naquele momento.

Segundo Bajour: “a leitura compartilhada de alguns textos, sobretudo os literários, muitas vezes é uma maneira de evidenciar, sempre considerando a intimidade e o desejo do outro, a ponta do iceberg daquilo que se sugere por meio de silêncios e de palavras.” (2012, p.20). Os participantes não são obrigados a ler ou comentar os textos, entretanto, a dinâmica da atividade e justamente essa intimidade construída encontro após encontro, são responsáveis por disparar o desejo da fala, da argumentação, reflexão

e até o da escrita criativa dentro do grupo; o que favorece uma troca mais profunda entre todos os presentes. Sendo o texto literário essa “ponte”, a roda de leitura se molda para abarcar essas novas possibilidades, sendo uma das principais delas, essa vertente da escrita criativa.

Bajour aponta ainda que quando as noções de “levantar a cabeça” e de “prestar ouvido” ou “ouvir nas entrelinhas”, são mobilizadas em um encontro coletivo de leitura, com uma mediação capaz de potencializá-las, as interpretações, associações pessoais, descobertas, etc., podem se materializar, de modo que todos os participantes possam socializar seu significados. Portanto, o ato mesmo da leitura consiste em grande parte, nas conversas sobre aquilo que lemos.

A partir das leituras, os participantes apresentam pontos de vista e questionamentos diversos, que por sua vez, geram novos debates e propostas de exercícios criativos desenvolvidos por eles e compartilhados com o grupo, ou seja, existe aí uma abertura e um convite para que haja um contato mais sensível e íntimo, baseando-se na troca e na atribuição de novos sentidos tanto ao texto, quanto ao espaço mesmo da roda, o que de fato, dá sentido à afirmação de que “a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual” (BAJOUR, 2012, p.25).

4 RESULTADOS

Desenvolver as práticas de mediação de leitura com as participantes e os participantes do CRESF e da PEF 2 permite perceber como a leitura é significativa para a estruturação de um espaço de íntimo em situações extremas. A leitura de poesias, mesmo que compartilhada, se revela estruturante da história individual de cada um, pois ao socializarmos a leitura e as interpretações sobre o texto, cada uma daquelas mulheres e homens que participam das Rodas os relacionam com suas experiências pessoais. Isso se mostra quando relatam sobre seus passados, sobre desejos futuros e sobre seus sentimentos sobre a condição presente de detentas e detentos.

Pareceu-nos igualmente significativo o ato de compartilhar a leitura, porque diferentemente das leituras individuais que podem fazer para remissão de pena, durante a mediação elas e eles dividem com o grupo percepções pessoais sobre os temas que surgem nas leituras. Assim, a leitura mediada proporciona novas perspectivas para os participantes, não só por aquilo que parte do texto, mas pelas trocas que acontecem entre as pessoas ali presentes.

Além disso, é importante considerarmos que boa parte do grupo que conhecemos tem desejo e reconhecem seus direitos de poderem realizar atividades que ampliam seus

horizontes culturais e educativos, sendo que muitas delas concluíram seus estudos dentro da penitenciária, e também desejavam dar continuidade a eles no período que estiverem presas.

5 CONCLUSÕES

Qual seria a potência da palavra poética ao circular no interior de espaços marcados pelo confinamento e pela ausência de liberdade? A partir da análise da experiência direta proporcionada pelo projeto de extensão *Direito à Poesia*, além da investigação de outros exemplos, temos podido aprofundar nossas indagações sobre o papel da mediação da leitura, e mais precisamente da leitura de literatura, no ambiente carcerário. Temos podido reafirmar a ideia de que, a despeito de todas as dificuldades, as Rodas de Leitura, mesmo que nos ambientes mais adversos, tornam possível a criação de uma comunidade que se reúne na amizade de um espaço de leitura compartilhado, tanto mais livre quanto mais livre for a palavra lida e a voz que a pronuncia, alimentando assim a possibilidade de encontros intersubjetivos criadores e transformadores.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas – o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

LAROSSA, Jorge. Sobre a lição – ou de ensinar e aprender na amizade e na liberdade. In: *Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MELLO e SOUZA, Antonio Cândido. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004, p.169-191.

PETIT, Michèle. *A arte de ler – ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Ed. 34, 2010.